

**ONDE FICA O BRASIL?:**

**COMUNIDADE, TERRITÓRIOS E TRANSNACIONALISMO ENTRE  
BRASILEIROS NOS ESTADOS UNIDOS (1985-2010)**

Emerson César de Campos <sup>1</sup>

**Resumo:** Nesta comunicação objetivo apresentar alguns resultados acerca das diferentes e possíveis ideias e experiências vividas pelos brasileiros quando lançados e inseridos nos fluxos emigratórios para os Estados Unidos. Pretendo, assim apresentar mais detidamente a ideia de comunidade e territórios da cultura brasileira em perspectiva transnacional. Embora seja reconhecidamente um tema histórico, o Brasil Emigrante é ainda apenas timidamente considerado pelos Historiadores em geral. A emigração brasileira para os Estados Unidos, mais nitidamente iniciada na década de 1980, é muito difícil de ser precisada em números. Uma considerável parte de estudos acadêmicos produzidos por sociólogos, antropólogos e demógrafos estimam que mais de um milhão de brasileiros estejam residindo nos Estados Unidos. Além da difícil enumeração, é também árdua a tarefa de compreender o fenômeno migracional brasileiro quanto as suas extensões, visibilidade e as lutas que envolvem o plebiscito diário (Ernest Renan) ou seja, os embates em torno da nação republicana brasileira no Brasil Fora de Si e neste Tempo Presente. Por último, a presença de brasileiros emigrantes nos Estados Unidos torna ainda mais desafiadora a tentativa de compreensão mais elaborada acerca das manifestações que constroem a complexa ideia de nação naquele país.

**Palavras-Chave:** Comunidade. Territórios. Transnacionalismo. Estados Unidos. Tempo Presente.

Embora seja reconhecidamente histórico, o tema Brasil emigrante ainda é apenas e timidamente considerado pelos historiadores em geral. A emigração brasileira para os Estados Unidos, em proporções que se firmaram especialmente na década de 1980, é muito difícil de ser precisada em números. Considerável parte de estudos acadêmicos produzidos por sociólogos, antropólogos e demógrafos estimam que mais de um milhão de brasileiros estejam residindo nos Estados Unidos atualmente (2014). Além da dificuldade em quantificar com precisão tal população, é também árdua a tarefa de compreender o fenômeno migratório brasileiro quanto à sua extensão, visibilidade e lutas que envolvem as disputas em torno da ideia de nação, esse plebiscito diário, na conhecida expressão de Ernest Renan. Aqui, em particular, acionarei uma discussão acerca dos embates em torno da nação republicana brasileira no “Brasil Fora de Si” que se expressa neste tempo presente.

---

<sup>1</sup> Professor Doutor em História (UFSC, 2003), Docente do Departamento e Programa de Pós Graduação em História- PPGH- UDESC. E-mail: ecdcampos@yahoo.com.br

Em outubro de 2010, durante reunião da *Latin American Studies Association (Lasa)*, ocorrida na cidade de Toronto (Canadá), Heloísa Galvão, brasileira radicada em Boston, Estados Unidos, usou o tempo que teve em sua comunicação, coordenada por Maxine Margolis (Columbia University – NY), para dar publicidade às inúmeras dificuldades sofridas pelos brasileiros na região metropolitana daquela cidade. Na oportunidade, a preocupação maior, insinuada por Galvão, estava relacionada à articulação da comunidade brasileira em Boston e região. Segundo a pesquisadora, havia problemas quanto a identificação e visibilidade da comunidade brasileira, especialmente depois dos atentados às Torres Gêmeas, em 2001 (em NY), quando se intensificou a “caça às bruxas”, ação promovida pelo governo norte-americano para controlar a imigração naquele país. A autora reclamava da necessidade de tornar visível e quantificada a comunidade brasileira para que alguma assistência mais efetiva pudesse ser realizada, estimulando também a suposta solidariedade entre imigrantes. A ideia foi (e tem sido) por ela perseguida em campanhas no rádio e TV locais em horários comprados pela comunidade.

Contudo, um número significativo de pessoas, não tendo segurança na visibilidade da comunidade proposta por Heloísa Galvão, preferiam o anonimato. O anonimato, aliás, era assumido por grupos de brasileiros “esclarecidos”, em situação regular nos Estados Unidos, alguns, inclusive, com postos de trabalho no serviço público norte-americano, que promoviam campanhas contra a visibilidade e a identificação de brasileiros em situação não documentada para evitar, segundo eles, a deportação de um número maior de pessoas. Era visível o constrangimento (até mesmo a irritação) de alguns presentes no encontro citado quanto à articulação, à união e às dificuldades explicitadas pela fala de Heloísa Galvão. A comunidade, aparentemente dividida, apareceu, na fala, em suas diferenças.

Ainda no mês de julho de 2008, participei de um trabalho de campo na região de Boston, com outras duas professoras, também pesquisadoras da presença de brasileiros nos Estados Unidos. Naquela oportunidade, buscávamos identificar elementos de ligação entre os diferentes fluxos de brasileiros para os Estados Unidos, intensificado a partir de 1985, e que, de distintas formas, se consolida ao ponto de termos, visível ou não (o que depende de verificação constante), uma comunidade. Tais fluxos, produzidos por diferentes atores e agentes sociais, contribuem para complexificar as ideias acerca da nação brasileira, o que afeta de modo direto a (des)constituição de uma comunidade nacional em território

americano. De nosso trabalho em 2008, entre muitos depoimentos coletados (foram mais de 20 em 18 dias de pesquisa na região), conseguimos obter resultados interessantes; por exemplo, das ligações iniciais entre mineiros e catarinenses ainda na década de 1960; da crescente onda de medo e insegurança frente à ameaça de deportação para os indocumentados<sup>2</sup>; da alteração na estrutura familiar e na construção dos territórios da cultura brasileira na região; enfim, da fala frequente de que a vida no Brasil “hoje (2008) está muito melhor”, sempre com uma forte indicação de pertencimento a uma ideia de nação.

Entre os depoimentos coletados, foi possível observar expressões do tipo: “os catarinenses são esganados e só pensam em trabalho”; “naquele bairro fica a mineirada”; “o consumo é uma benção”; “eu gosto é de roça”; “espero meu *greencard*”; “os americanos são frios”; “aqui é o meu lugar, mas sempre volto ao Brasil”; “esse povinho não é o meu Brasil”; “não tenho papel”; “o consulado não serve para nós”; “hoje tem festa brasileira em Boston”; “eu gosto é de cidade”. Longe de formar um sentido coeso a respeito da presença brasileira nos Estados dos Unidos ou, ainda, de ser um indicador do fenômeno do tempo presente, as falas me sugerem um estudo mais atento sobre as diferentes formas de expressão do nacionalismo brasileiro, especialmente se considerada a entrada definitiva do Brasil no grupo de países de emigração<sup>3</sup>.

Ainda em 2008, quando da pesquisa citada, realizamos uma entrevista com Mario Saad, o cônsul brasileiro em Boston. Falando sobre os brasileiros nos Estados Unidos, em especial em sua jurisdição, indicou os trabalhos do consulado junto à comunidade. Entre os temas desenvolvidos, falou muito sobre o número de brasileiros de cidades pequenas, de vilarejos, com os quais o consulado tem um contato muito periférico. Os indocumentados eram diferenciados por ele pelo local de procedência no Brasil. Entre as falas de nossos entrevistados e a do cônsul, muitas dissonâncias; para mim, porém, uma convergência significativa: não havia um Brasil, mas vários Brasis rivalizando dentro da comunidade em Boston. Havia também algo mais vincado: além das construções de classe, gênero e educação,

---

<sup>2</sup>Nos Estados Unidos, o número de indocumentados é muito maior do que aquele formado pelos que possuem documentação e se encontram em situação regularizada. Acredita-se na proporção de um documentado para cada quatro indocumentados.

<sup>3</sup>O número de brasileiros nos Estados Unidos é sempre tema controverso e impreciso. São várias as leituras desse número. Deixo aqui como referência o total disponibilizado pelo Ministério das Relações Exteriores (Itamaraty) em sua última contagem, de 2008. Segundo o MRE, em 2008 havia, na maior estimativa, 1.490.000 brasileiros; na menor, 843.505. Dados também disponíveis em: [www.mre.gov.br](http://www.mre.gov.br). Acesso em: maio 2014.

havia uma interdita – ao menos pouco visibilizada – diferença entre ideias de nação ligada às distintas regiões de procedência do Brasil, tendo por efeito a criação de territorialidades e diferenças que termos ou categorias de análise como *comunidade* tendem a tornar opacas.

Em realidade, a emigração brasileira é parte dos fenômenos sociais que se iniciam e acentuam na segunda metade do século XX: ditadura militar, aumento da população urbana, abertura democrática, crise inflacionária e outros. Mantendo relação direta com esses fenômenos (e com outros não citados), o fluxo de brasileiros para o exterior em geral, e para os Estados Unidos em particular, sugere uma inversão de perspectiva na visão que tradicionalmente coloca o País como receptor de estrangeiros. O Brasil, evidentemente, é um país construído em larga medida pela imigração. Contudo, a novidade na formação nacional brasileira é que ela passa a ser construída - e narrada- também a partir de extremidades da nação, de brasileiros postos nos fluxos contemporâneos, e na inserção do país na dimensão transnacional.

As emigrações ou migrações internacionais são elas mesmas fenômenos de formação transnacional. O transnacionalismo é uma novidade nos processos migratórios, mais ainda no caso brasileiro, pois é recente também a inserção de brasileiros nos fluxos contemporâneos. A transnacionalidade envolve um conjunto de ações (e negociações) e jogos identitários que tenta conectar o destino à origem, colocando em confronto nacionalidades que, desde suas formações, são antagônicas. Os pesquisadores do transnacionalismo reconhecem que os imigrantes internacionais muito dificilmente renunciam, na totalidade, à cultura e à sociedade de suas nações de origem (MITCHELL, 2003, p.36). Pelo que se tem levantado em inúmeras pesquisas nos últimos 50 anos, cada vez mais imigrantes desejam manter vínculos com a sociedade em que nasceram. O estudo de laços migratórios transnacionais iniciado, entre outros, por Stuart Hall, Abdelmalek Sayad, Maxine Margolis, Linda Basch, Nina Glick Schiler, Cristina Szanton Blanc (e outros) indica a dimensão transnacional construída por um processo no qual os imigrantes, através de suas atividades diárias e relações sociais, econômicas e políticas, criam campos sociais que atravessam fronteiras. Uma vez desterritorializados, criam novas ideias de e sobre nação. Concordando ou não com o que sugiro aqui, é fato que as conexões internacionais que costumam balizar as discussões acerca do fenômeno do transnacionalismo estão - em maior ou menor intensidade - ligadas ao trabalho e à renda, ao capital social, ao tamanho e à densidade da comunidade, ao *status* legal

do imigrante, à capacidade de associação a outros grupos de interesse e às políticas do governo do país de origem. Pelo exposto, é possível verificar quão complexa é a formação de uma comunidade transnacional. Neste texto, impossibilitado de realizar um estudo que suporte essas dimensões, destaco então a formação e consolidação da comunidade transnacional brasileira, considerando especialmente sua densidade, ou seja, sua atividade transnacional, a “maturidade” de sua existência e o que se produz a partir dela.

Existem muitas comunidades formadas por brasileiros nos Estados Unidos. Os critérios para definição de uma comunidade são elásticos e variam de região para região. O jornal *Comunidade News*, produzido em Danbury (CT), publicou os resultados da pesquisa *Census* dos Estados Unidos, com os dados os mais recentes<sup>4</sup>. O *Census* levantou dados em 12 estados, entre eles Massachusetts, Flórida, New Jersey, Califórnia, Nova York, Connecticut e Pensilvânia. O Itamaraty (Ministério das Relações Exteriores) indica nove consulados presentes naquele país, mais três honorários e/ou itinerantes, afora a embaixada. Os estudos mais recentes têm mostrado que as maiores concentrações de brasileiros em áreas urbanas acontece nas regiões metropolitanas de Nova York, Boston e Miami. Além disso, como parte da imigração recente de brasileiros se dirige para outras regiões, essa geralmente não é associada à imigração<sup>5</sup>. Mais ainda, há fortes evidências<sup>6</sup> de se identificar uma segunda fase de emigração, uma vez que brasileiros residentes em Boston e Nova York se têm transferido para a Florida, a Louisiana e Minnesota, entre outros estados.

Ainda em 1994, o trabalho fundante e inspirador de Maxine Margolis sobre brasileiros em Nova York inicia, de forma mais sistematizada, os estudos sobre comunidades de brasileiros nos Estados Unidos. *Little Brazil* (MARGOLIS, 1994) mostra as construções sociais realizadas pelos que viviam em Nova York. Em 2004 e 2008, o historiador brasileiro José Carlos Sebe Bom Meihy publica dois trabalhos, respectivamente: *Brasil Fora de Si* e *o Estado dos Emigrantes*. No primeiro, investiga a experiências entre brasileiros em Nova York; no segundo, a potência econômico-financeira da comunidade de brasileiros nos estados em geral. Nesse mesmo ano (2008), o governo brasileiro organiza o primeiro encontro sobre

<sup>4</sup>Disponível em: <http://www.comunidadenews.com/>. Acesso em: maio 2011.

<sup>5</sup>Caso dos brasileiros que migraram para Nova Orleans (Louisiana) em 2005 e têm participado da reconstrução da cidade após o trágico evento do furacão Katrina, em 2005. Agradeço a profa. Dra. Susane Oboler, da New York University, pela lembrança dessa participação brasileira. Ainda segundo Margolis (2003, p. 55), a migração brasileira nos Estados Unidos se insinua também pelos lados de Atlanta e outras cidades da Flórida.

<sup>6</sup>Os jornais da comunidade brasileira nos Estados Unidos com os quais tive contato noticiam esses movimentos migratórios.

*Brasileiros no Mundo* na cidade do Rio de Janeiro<sup>7</sup>. Sobre brasileiros, há ainda os trabalhos de Bernadete Beserra (Califórnia), de Adriana Capuano de Oliveira e Rosana Resende (Flórida), Glaucia Assis, Ana Cristina Martes e Teresa Sales (Massachussets). Os trabalhos citados problematizam, de modos diferentes, a ideia de comunidade. Margolis (1994 e 2003) indica sempre essa preocupação, acompanhada também por Sales (1999) e Martes (2000). Em minha perspectiva, problematizações outras podem também auxiliar a compreender o termo comunidade à luz de um momento, no qual, a presença de brasileiros no exterior em geral, e nos Estados Unidos em particular, se insinua saturada e repleta de diferenças. Aqui proponho uma análise mais detalhada e criteriosa da comunidade em Massachusetts<sup>8</sup>.

Observações convergentes de estudiosos e analistas de sua presença já indicavam o crescimento e a importância da comunidade de Massachusetts, ratificada por dados mais recentes, a exemplo daquela do *Census*, já citada. O número de patrícios quadruplicou entre 1990 e 2009. Eram aproximadamente 83 mil em 1990 e mais de 360 mil em 2009. É possível que existam, de fato, mais de um milhão e quinhentos mil brasileiros, principalmente se se admitir a média de um identificado para quatro não identificados (ou não documentados). São mais contundentes os números relativos ao estado de Massachusetts. Dentre a população imigrante naquele estado, o Brasil ocupa a primeira posição, com 73.540 pessoas, seguido de Portugal, com 59.984, e a República Dominicana, com 57.242. Ressalta-se, ainda, que mais 60% dos brasileiros chegaram ao estado depois do ano 2000. A partir de 2005, registra-se alguma estabilidade populacional, com uma ligeira queda em 2008, pois nesse ano o país entrou em forte recessão. Por outro lado, começaram a chegar notícias sobre a recuperação econômica do Brasil, com reflexos imediatos na comunidade. Temos indícios suficientes para evidenciar a importância do fenômeno migratório brasileiro e da constituição de sua diáspora.

Como visto, houve ampliação do fenômeno migratório brasileiro. Os primeiros emigrantes, ao menos os das maiores concentrações, eram formadas por mineiros saídos da região de Governador Valadares (ASSIS, 1999 e SOARES, 1995). Contudo, mesmo considerada significativa (acredita-se que algo em torno de 15% da população de Valadares reside no exterior), os mineiros não compreendem a grande maioria de imigrantes que chegam

---

<sup>7</sup>Em julho de 2008, o governo brasileiro organizou a I Conferência Brasileiros no Mundo sob coordenação do Ministério das Relações Exteriores, realizado na cidade do Rio de Janeiro. Participaram da conferência brasileiros dispersos em várias regiões do mundo, inclusive dos Estados Unidos.

<sup>8</sup> Um estudo comparativo entre diferentes comunidades nos Estados Unidos ainda precisa ser feito. Esse texto é um esforço incipiente neste sentido.

aos Estados Unidos, sobretudo a partir da década de 1990, de procedência repartida entre estados do Sul, do Sudeste, do Centro-Oeste, do Norte e do Nordeste. Assim, a emigração é - desde a última década - um fenômeno nacional (MARGOLIS, 2003). Isto, sob formas diferenciadas, acaba se insinuando na própria comunidade transnacional brasileira nos Estados Unidos, constituída a partir de 1985 e, ao meu ver, pouco ou quase nada explorada pelos estudiosos do fenômeno.

Segundo o criterioso trabalho de Ana Cristina Braga Martes (2000, p. 56), em 2000 as dez cidades brasileiras com maior número de emigrantes eram Governador Valadares (17%); Belo Horizonte (11%); Rio de Janeiro (9%); São Paulo (8%); Ipatinga (6%); Vitória (5%); Goiânia (4%), Anápolis (3%); Brasília (3%) e Criciúma (3%). Considerando que cinco entre as dez cidades são capitais, como lembra Martes, um elemento que costuma passar despercebido (ao menos nos estudos até o momento) é que as outras cinco não são capitais e indicam uma dispersão geográfica considerável no País: duas no Centro-Oeste, uma no Sudeste e uma no Sul. Isto implica dizer, discordando da ideia majoritária, que o movimento migratório não é majoritariamente urbano ou de grandes cidades.

Entre os estudiosos do processo de urbanização e das migrações brasileiras, são muito conhecidos as diferentes épocas da urbanização no Brasil. A população rural é ultrapassada pela urbana no final da década de 1960. Nos Estados Unidos, isso ocorre ainda em 1910. Quando ponderamos ainda mais, estados tão diferentes como Minas Gerais e Santa Catarina têm sua população rural suplantada pela urbana nas décadas de 1960 e 1980, respectivamente. Assim, fica patente a necessidade de se atentar para o fato de que as diferentes noções e experiências de urbanização no Brasil são levadas aos extremos da Nação e que rivalizam na constituição da comunidade brasileira nos Estados Unidos, repercutindo em suas construções identitárias e, mais ainda, na transnacionalidade do fenômeno migratório. Se é difícil e/ou inviável pensar uma identidade nacional brasileira, complexo é também identificar tais diferenças experimentadas por brasileiros nos Estados Unidos.

O trabalho inicial de Assis, Campos e Siqueira (2010) se deteve muito brevemente a explorar as diferenças entre duas cidades de médio porte no Brasil, conhecidas por sua expressão emigratória: Governador Valadares (MG) e Criciúma (SC). No fluxo dos emigrantes para os Estados Unidos, o pico de valadarenses, por exemplo, vai se verificar na segunda metade da década de 1980 (1987-1989, o chamado triênio da emigração

valadarense), enquanto entre os criciumenses será na segunda metade da década de 1990 (o triênio da emigração criciumense). Além da década de saída que os separa, existem sobretudo diferentes apropriações do urbano e, no limite, da própria ideia de nação. Este trabalho inicial que aqui realizamos ressalta a necessidade de se conhecer mais acerca das manifestações de urbanização entre os brasileiros nos Estados Unidos e das diferentes ideias de região que compõem a perspectiva brasileira transnacional naquele país.

Consegui levantar, até o momento, mais de 15 associações e comunidades estabelecidas na região de Boston, além, é claro, de um sem-número de comunidades virtuais na internet. Neste texto, deixo marcada, além da clássica abordagem religiosa – significativa para qualquer abordagem – os indícios de três delas, que, de minha perspectiva, muito podem auxiliar na análise das bases da comunidade brasileira em suas diferenças. São elas: Centro do Imigrante Brasileiro – Boston; Centro do Trabalhador Brasileiro - Boston; Grupo Mulher Brasileira - Boston; MAPS - *Massachusetts Alliance of Portuguese Speakers*. Nestas associações, tenho buscado aspectos voltados ao número de associados, a sua inserção comunitária e, especialmente à proveniência das pessoas envolvidas. Infiro (o que necessita de ainda mais investigação e confirmação) que diferentes Brasis se insinuam na participação nas associações citadas. Mais que isso, penso que se pode ter uma ideia mais elaborada daquilo a que chamo aqui de Brasil Profundo: um avolumar de pessoas provenientes do interior do País, de cidades de médio e pequeno porte, em alguns casos de vilarejos, que se inserem na dimensão transnacional. Homens ordinários, na expressão de Michel de Certeau (1994), que praticam lugares (ou fogem deles) e forjam espaços, constituem territórios. As instituições possuem escritórios em diferentes cidades da grande Boston, o que permite que se tenha uma boa caracterização da dispersão brasileira na região. Penso que um estudo sobre práticas cotidianas ajude a detalhar a densidade cotidiana da comunidade brasileira na região junto aos trabalhadores das oficinas de automóveis e de estacionamento (de propriedade de brasileiros); às escolas de português para filhos e netos de brasileiros; às associações de brasileiros. Trata-se de estratos sociais que precisam de uma investigação e da observância das inclusões e exclusões que neles ocorrem, pois, sob diferentes formas, possibilitam verificar a complexidade que envolve a presença de brasileiros nos Estados Unidos.

Ao que tenho levantado (insisto no caráter prospectivo deste texto), diferentes táticas têm sido desenvolvidas pelos emigrantes no sentido de evitar a “Corte” e uma possível



deportação, como: residir próximo ao trabalho, estreitar laços entre pessoas da “rede” (brasileiros ou não). A busca por emprego e sua garantia, o aumento da renda, a espera pela documentação e, sobretudo, a sobrevivência conjunta da família são desafios diários a se enfrentar. Para quem vive tais experiências, em particular de parte dos “que chegam aqui sem nem saber dizer o nome direito” – na fala do cônsul brasileiro em Boston em 2008 –, são indícios contundentes dessas táticas. O que aqui chamo de *Brasil profundo* não é necessariamente um Brasil pobre, mal instruído ou rude. É sobretudo um Brasil que tem diferentes apropriações do urbano, parte da “interioridade” do País e que colabora para complexificar os Brasis presentes na comunidade transnacional nos Estados Unidos.

Uma situação ocorrida em Framingham, cidade localizada próxima à Grande Boston, ainda em 2006, conhecida entre os brasileiros, indica muito das dificuldades colocadas aos “*brasucas*” nos Estados Unidos. A comunidade deles em Framingham é uma das mais antigas em Massachusetts, e, no dizer dos “*brasucas*”, “lugar da mineirada”. Dois irmãos norte-americanos, Jim e Joe Rizoli (filhos de imigrantes italianos), realizaram (e realizam) campanha para que os brasileiros não documentados fossem (sejam) deportados. Eles fazem parte de uma associação norte-americana denominada Cidadãos Preocupados e Amigos da Execução da Lei de Imigração Ilegal (*Concerned Citizens and Friends of Law Enforcement Illegal Immigration*). Os jornais da comunidade brasileira noticiaram o ocorrido e o debate foi longo. Gostaria de indicar que o tom maior da discussão girou em torno das contribuições da comunidade brasileira em geral para a cidade de Framingham, inclusive na revitalização do espaço urbano. Nessa mesma cidade, onde reside a “mineirada”, há instalado um Centro de Tradições Gaúchas (CTG), chamado Patrão Velho Internacional. Não cabem aqui discussões acerca da autenticidade da cultura gaúcha ou da caracterização do citado CTG. O que interessa sugerir são os agenciamentos que comerciantes, políticos e associações promovem no sentido de ampliar (ou não) a ideia de pertencimento à comunidade brasileira na forja do hífen que separa *brazilians-americans*.

É dito por um considerável número de brasileiros nos Estados Unidos que os consulados, em especial o de Boston, não são próximos da comunidade ou não se fazem presentes. Alguns dizem até que preferem procurar o consulado em Nova York. Por vários estudos (a exemplo de Sales, Martes e Assis), sabemos que os brasileiros de Boston e região são trabalhadores dos setores de serviços e de indústria, e que a faixa de renda e instrução é

relativamente equilibrada. O que ainda precisa ser discutido, ou mais discutido, em minha análise, é quanto o medo de buscar o disposto na lei, especialmente a brasileira, tem interferido na relação do consulado com a comunidade. Lembrando uma das hipóteses aqui levantadas, entre os vários Brasis presentes na comunidade brasileira há um constituído de pessoas provenientes de uma ideia de nação pouco lembrada, mas muito presente, com as diferentes noções de pertencimento, o que implica dizer e reconhecer (mais que apenas aceitar) que as apropriações de uma cultura mais urbana e cosmopolita são exercidas (ou rechaçadas) de formas diferentes. Ao entrevistar brasileiros na região de Boston (conforme trabalho de campo já citado), em cidades ditas “satélites” da metrópole, foi possível perceber que cidades como Framingham, Worcester e Lowell (todas na Grande Boston) eram consideradas “uma roça grande e confortável”, lugar seguro e bom de se viver. Ainda assim, mesmo nesses lugares têm ocorrido as “redadas”, ou seja, a busca e prisão de imigrantes não documentados pelo Departamento de Imigração dos Estados Unidos.

Ainda se faz necessário marcar que a presença do consulado junto à comunidade se tem ampliado, como, de certo e sorte, a participação do Estado Brasileiro. A dissonância entre a participação do consulado e o sentir efetivo por parte da comunidade precisa de maior aprofundamento. Como se realizaram e em que número, por exemplo, os registros de nascimentos de filhos de brasileiros, especialmente entre os indocumentados? Que apoios efetivos existem nas celebrações organizadas ou não pelas associações aqui citadas? Identifiquei a participação do consulado apoiando a criação de empresas, no estabelecimento de acordos entre cidades e mesmo no fornecimento de suporte à organização e realização do I Encontro Internacional de Tradição Gaúcha, reunindo CTG’s existentes nos Estados Unidos, na cidade de Framingham, já citada, em 2005.

Em hipótese que levanto neste texto, a dissonância citada, ou mesmo a “disjunção” entre o consulado e a comunidade pode ser levada a formas pelas quais um e outro se construíram e agora, na perspectiva transnacional, se apoiam mutuamente. Lembro a concepção de relação entre família e Estado que Sérgio Buarque de Holanda formulara ainda na década de noventa: “Não existe, entre o círculo familiar e o Estado, uma gradação, mas antes uma descontinuidade e até um oposição. [...] Só pela transgressão da ordem familiar é que nasce o Estado e o simples indivíduo se faz cidadão, contribuinte, eleitor, elegível, recrutável” (HOLANDA, 1995, p. 139). O estado de Massachusetts é um dos que apoiam a

dinâmica do trabalho e do *self-made-man* de modo muito presente. É de se imaginar que tais valores rivalizem com outros de uma prática diferente, como sugerido por Holanda, e que siga tensionando a formação da transnacionalidade *brazilian-american*.

Refletindo sobre a comunidade brasileira, Margolis (2003) indaga: Existe uma? Segundo a autora, os próprios brasileiros reclamam da falta de um *ethos* comunitário. Muitos afirmam que os brasileiros se “comportam mal em relação uns aos outros”. A separação entre “nós” e “eles”, próprias das formações identitárias, ou seja da alteridade, costuma ser falada (e até agora, em minha análise, nos estudos pouco ouvida) pelos brasileiros nos Estados Unidos. Afora algumas delas, já citadas aqui, outras são costumeiramente aventadas. Os “eles”, outros brasileiros, são quase sempre vistos (e mesmo depreciados) como caipiras, ignorantes, não-solidários, grossos, rudes e tantos outros adjetivos negativos. Muitos trabalhos já demonstraram as diferenças de classe, de educação, de família e mesmo de local de origem (proveniência). Aqui proponho manter as colaborações já realizadas e agregar a elas, em perspectiva diacrônica, as diferentes inserções (e exclusões) nas comunidades mais diretamente ligadas às suas construções de territórios culturais e às diferenças regionais brasileiras negociadas na construção da comunidade transnacional nos Estados Unidos.

As diferentes “levas” de brasileiros ficam mais marcadas a partir de 1985, como vimos aqui. Lembro que em 1985 se inicia um governo civil no Brasil, após 21 anos de regime militar, já com os novos personagens em cena (SADER, 1988); entre eles, os retornados do exílio político. Os brasileiros passam a reconhecer motivações outras que levavam cidadãos do país em busca de outra esfera cidadã, ainda que ficassem (a maioria ainda está) à margem dela. Na década de 1990, avolumou-se a população brasileira emigrante nos Estados Unidos, o que tornou ainda mais complexa a formação da comunidade brasileira naquele país, sobretudo no estado de Massachusetts. Como mostrou Margolis em fala de um brasileiro por ela ouvido - “As relações eram melhores nos bons e velhos tempos, quando a imigração era recente e as comunidades eram menores” - os migrantes são conscientes do quanto as diferenças se acentuaram dos “bons tempos” aos atuais. Em 2001, com o atentado terrorista às Torres Gêmeas em Nova York, iniciou-se uma etapa para a comunidade de imigrantes nos Estados Unidos em geral, e para a dos brasileiros em particular. Compondo a parte da imigração mais recente nos estados, embora com 26 anos de fluxo bem caracterizado, como vimos, as gerações de brasileiros em território norte-americano passaram (e passam) a viver

experiências mais desafiadoras e tensas num cotidiano permeado por apreensões e medos: da deportação, do desemprego, da dispersão comunitária, da constituição e destruição de territórios, da perda da propriedade (para os poucos que a conquistaram), das autoridades (norte-americanas e brasileiras), do retorno.

Em 2008, durante o chamado auge da crise econômico-financeira nos Estados Unidos, em nossa rápida pesquisa de campo, já aqui citada, ouvimos alguns desses medos. Num grupo focal, realizado na cidade de Lowell (MA-EUA), uma das depoentes disse não dirigir mais porque tinha receio de ser pega em parada policial e não comprovar habilitação válida; outro disse adorar futebol e ter receio de usar a camisa do seu time (brasileiro); uma jovem, casada, disse ter pânico de que, se viesse a ser deportada, seu filho (nascido nos Estados Unidos, à época com dois anos de idade) fosse colocado para adoção nos Estados Unidos. Estes receios lembram a instabilidade contida no sentido etimológico (BHABHA, 1998, p.147) de território, termo que deriva tanto de *terra* como de *terrere* (amedrontar), de onde *territorium*, eventualmente um lugar do qual as pessoas são expulsas pelo medo. São manifestações de cidadanias postas no limbo, num entre-lugar, que inserem de vez o país na dimensão transnacional.

Assim, é possível falar que a partir da virada para o século XXI, a Pindorama Revisitada, como disse Nicolau Sevcenko (2000), vivida em suas extremidades, esteja produzindo hífen e tornando mais comuns cidadanias complexas do tipo *brazilian-american*. Brasileiros hifenizados, de identificação diferenciada, nada genérica, como a sociedade norte-americana e a brasileira.

Por último, gostaria de concluir o texto com uma anedota muito peculiar. Em julho de 2008, na cidade de Marlborough (MA), foi organizado um evento para decidir sobre os representantes da comunidade brasileira a se realizar dali a poucas semanas no Rio de Janeiro (I Conferência de Brasileiros no Exterior). Um jornalista que nos acompanhou em nossa participação naquele evento e que, gentilmente, nos ofereceu carona (a mim e às outras duas pesquisadoras), percebeu a aproximação de um grupo de crianças, nascidas nos Estados Unidos, filhas e netas de brasileiros. Chegando perto das crianças, ele as provocou para verificar o português falado entre elas. Entre as seis, duas apenas demonstravam fluência na língua portuguesa. Então, para arrematar as dificuldades, o jornalista nos disse: “Outro dia perguntei para um desses meninos se ele falava português. Ele me respondeu que sim.

Solicitei então que ele soletrasse a palavra cachorro em português. Ele me disse: “Essa é muito fácil: D-O-G”. Um emigrante que nos acompanhava, vindo de Nova Veneza (SC), que há 16 anos residia na cidade de Lowell (MA) e não falava inglês, disse: “Não entendi”. Lembro, então, as palavras do historiador norte-americano Robert Darnton:

Quando não conseguimos entender um provérbio, uma piada, um ritual ou um poema, temos a certeza de que encontramos algo. Analisando o documento onde ele é mais opaco, talvez se consiga descobrir um sistema de significados estranho. O fio pode até conduzir a uma pitoresca e maravilhosa visão de mundo (1986, p. XV).

O mundo transnacional vivido pelos brasileiros nos Estados Unidos bem pode comprovar essa situação.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Gláucia de Oliveira. “**Estar aqui... estar lá**”. 1995. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

\_\_\_\_\_. **De Criciúma para o mundo**: rearranjos familiares e de gênero na vivência dos novos migrantes brasileiros. 2004. 340p. Tese (Doutorado) –Instituto de filosofia e Ciências Humanas - Unicamp, Campinas.

\_\_\_\_\_; CAMPOS, Emerson César de. **Fluxos do Local para o Global**: as redes sociais construídas entre os catarinenses e a região de Boston (EUA) no início do século XXI. Florianópolis: FAPESC, 2009. Relatório Final de Pesquisa.

BESERRA, Bernadete. **Brazilian Immigrants in the United States**: Cultural Imperialism and Social Class. New York: LFB Scholarly Publishing, 2003.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CAMPOS, Emerson César de. **Estrangeiros em Casa**: (re)sentimentos, impressões e identificações produzidas pelos emigrantes brasileiros clandestinos nos Estados Unidos, quando de volta para Santa Catarina (1995-2005). Relatório final de pesquisa. Florianópolis: UDESC, 2008.

\_\_\_\_\_. **Territórios deslizantes**: recortes, miscelâneas e exibições na cidade contemporânea – Criciúma (SC) (1980-2002). 2003. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos e outros episódios da historia cultural francesa**. Rio de Janeiro (RJ): Graal, 1986. 363p

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HOLANDA, Sergio Buarque. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1995. 26.ed.

\_\_\_\_\_. "Disjuncture and Difference, Brazilians in the USA and Politics of (not)Belonging." In: **International Journal of Diversity in Organisations, Communities and Nations** 4: 499-504. 2006.

MARGOLIS, Maxine. "A New Ingredient in the `Melting Pot': Brazilians in New York City." In: **CITY & SOCIETY** 3 (2): 179-87.1997.

\_\_\_\_\_. "A Minoria Invisível: Imigrantes Brasileiros em Nova York." In: **Travessia - Revista do Migrante**, 8 (21): 9-15, 2008.

\_\_\_\_\_. "**Brasileiros em Massachusetts, E.U.A.: a identidade étnica de uma minoria invisível**." Paper presented at the meetings of the Brazilian Studies Association, Rio de Janeiro, 2004.

\_\_\_\_\_. "Brazilians." In: **American Immigrant Cultures**. David Levinson and Melvin Ember (Eds.). New York: Macmillan Reference, p. 99-104, 1996.

\_\_\_\_\_. "Notes on Transnational Migration: The Case of Brazilian Immigrants." In: **Negotiating Transnationalism: Selected Papers in Refugees and Immigrants**. Marycarol Hopkins and Nancy Wellmeier (Eds.). General Anthropology Division, American Anthropological Association, p. 202-222.

\_\_\_\_\_. **Little Brazil: An Ethnography of Brazilian Immigrants in New York City**. Princeton: Princeton University Press, 1994.

MARTES, A.C.B. e FLEISCHER, S.R. **Fronteiras Cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais**. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p.175-198.

MEIHY, José Carlos S.B. **Brasil fora de si: experiência de brasileiros em Nova York**. Parábola Editora, 2004.

\_\_\_\_\_; BELLINO, Ricardo. **O Estado dos emigrantes: o 28º Estado Brasileiro: um mercado de US\$ 50 bilhões.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo.** Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

SALES, Teresa. **Brasileiros longe de casa.** São Paulo Ed. Cortez, 1999.

SAYAD, Abdelmalek; MURACHCO, Cristina. **A Imigração: ou os paradoxos da alteridade.** São Paulo: EDUSP, 1998.

SIQUEIRA, Sueli. **Migrantes e Empreendedorismo na Microrregião de Governador Valadares – Sonhos e Frustrações.** 2006. Tese (Doutorado – Sociologia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SEVCENKO, Nicolau. **Pindorama Revisitada: cultura e sociedade em tempos de virada.** São Paulo: Fundação Peirópolis, 2000.